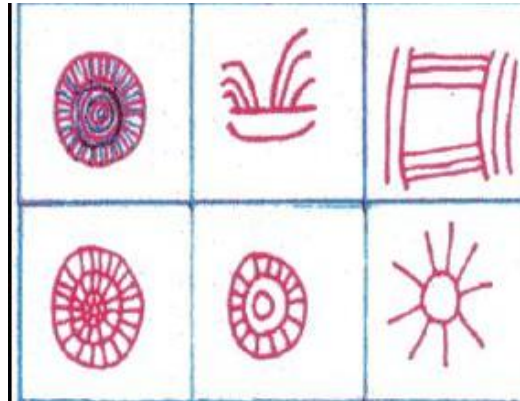


UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL



**Cultura e Sistemas Simbólicos, segundo
Joaquim Perfeito da Silva¹**

¹SILVA, J. P. *Cultura e sistemas simbólicos*: “melting pot” na arte rupestre da Bahia. 1998. 185 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1998.

**Celito Kesting
2014**

Método

- Analisaram-se 50 sítios de arte rupestre em 26 municípios da Bahia em áreas de alta altitude.
- Optou-se por organizar um “corpus empírico” de sinalizações-tipo, retirado do conjunto de sítios e codificada para aplicarem-se métodos matemáticos e estatísticos.
- Método Estatístico: Análise temática com os parâmetros: naturalistas e abstratos. o método estatístico é a forma de ordenar e agrupar os dados com certa margem de segurança, fazendo perceptível a presença e ausência de padrões gráficos.
- Análise Tipológica: Classificação dos sítios levantados.
- Procedimento: Objetivando identificar padrões lógicos de dispersão e signos contextualizados, onde a casualidade passa ser improvável e os signos tomam forma de símbolos definindo horizontes culturais distintos.

Conceitos

Arte rupestre: Sinalações (pinturas ou gravuras) deixadas pelo homem pré-histórico em paredes de abrigos, grutas, *canyons* e blocos rochosos isolados.

Representação: Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento, traduzido no conjunto de signos ou sinais que configura o sítio de arte rupestre.

Arte: Seus produtores possuíam vocação artística para representar ideias: dominavam técnicas de preparação das tintas e de pintura e valorizavam locais especiais em termos de beleza em relação à paisagem, sempre próximos a fontes de água. “A arte exprime padrões culturais, visão de mundo e as ideias que as acompanham” (CUNHA, in ZANINI, 1983).

Tradição cultural: “Representação visual de todo um universo simbólico pré-histórico, que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes. Concebe-se também ao conceito tradição, grande abrangência geográfica” (MARTIN, 1997).

Subtradição cultural: “Grupo vinculado a uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferentes, que implica na presença de elementos novos. Diz-se dos grupos étnicos descendentes de uma mesma origem cultural.” (MARTIN, 1997).

Estilo: Conjunto de elementos de motivos associados num padrão estético formal que caracterizam um horizonte, uma **tradição** ou um complexo cultural.

Tipologia: Conjunto de critérios considerados diagnósticos para a separação de uma população em categorias ou classes.

Tipologia estilística: Classificação com base na estética.

Hipóteses

1. Existência de tradições verificadas nos estados circunvizinhos do Piauí, Goiás, Tocantins, Pernambuco e Minas Gerais.
2. Existem Tradições rupestres na área geográfica da Bahia (Estudo estatístico).
3. Mudanças culturais decorrentes de contatos inter-étnicos.

Tradições de Pinturas

Tradição Planalto

Foco principal “parece estar no centro de Minas Gerais” (PROUS, 1992). Estende-se desde o Paraná até o Estado da Bahia.

A quase totalidade das pinturas é vermelha. São raras as pretas, amarelas e brancas.

Destacam-se os zoomorfos monocromáticos em quantidades superiores aos signos geométricos. Os signos geométricos mais comuns são: círculos, círculos concêntricos, pentes, grades, pontos e bastonetes. Os antropomorfos, também monocromáticos, aparecem em pequenas quantidades. Quando esquematizados formam grupos de pequenas figuras filiformes. A maioria dos animais é quadrúpede (cervídeos), peixe e ave. As cenas são pouco comuns. Existem cenas de caça em que o quadrúpede, geralmente o veado, aparece flechado e cercado de pequenos antropomorfos estilizados. Existem também cenas de cópula humana e parto. Existem também painéis com associações repetitivas de animais caracterizados como macho, fêmea e cria.

Solá (1993) identifica a existência de um estilo em que os zoomorfos com contorno e preenchidos por traços e antropomorfos esquemáticos e outro com zoomorfos chapados e antropomorfos realistas.

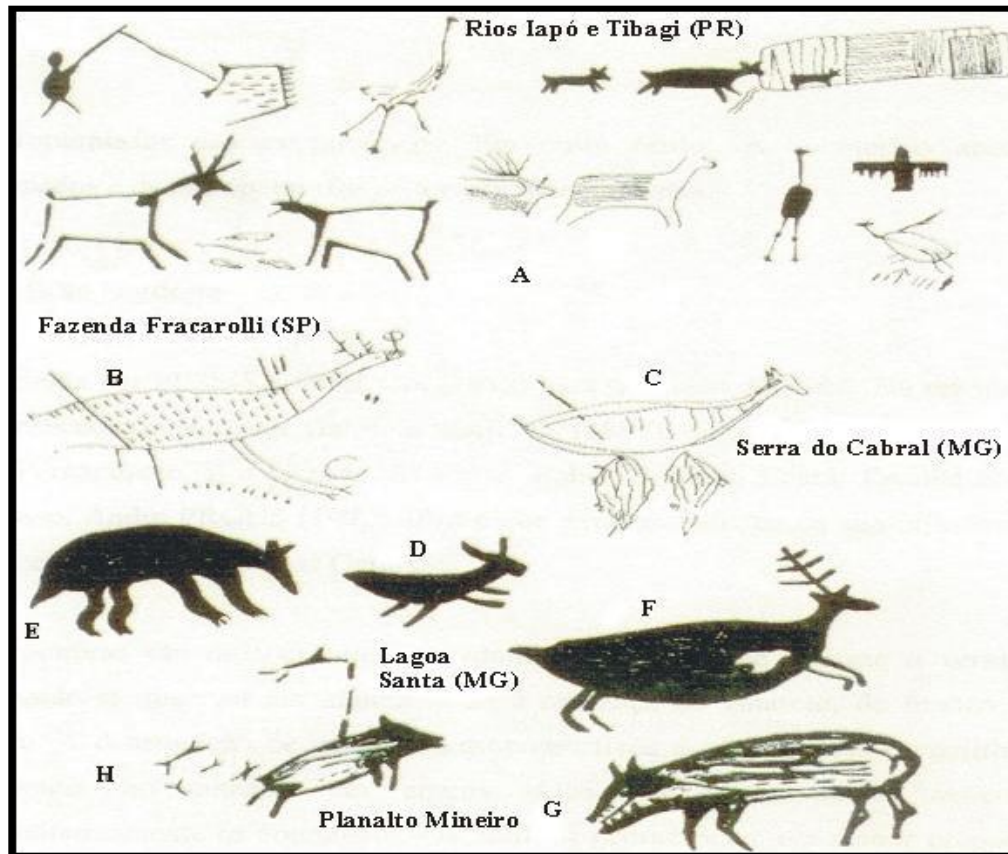


Figura 1 – Tradição Planalto. Paraná, São Paulo e Minas Gerais

Tradição Nordeste

Foco principal no Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Existem referências em Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Paraíba, Mato Grosso e Minas Gerais (PESSIS e GUIDON *in* VIDAL, 1992; PROUS, 1992; MARTIN, 1997).

Pinturas monocromáticas, com predominância do vermelho, havendo casos de amarelo, branco e preto. É equilibrada a distribuição entre zoomorfos e antropomorfos. Os grafismos geométricos são minoritários. Eles representam grades, pontos, pentes e bastonetes. São marcantes as representações de cenas de caça, dança, guerra, cópula e ritual.

Pessis (1987) identifica três subdivisões estilísticas: Serra da Capivara (mais antigo), Serra Branca (mais recente) e Complexo estilístico Serra Talhada.

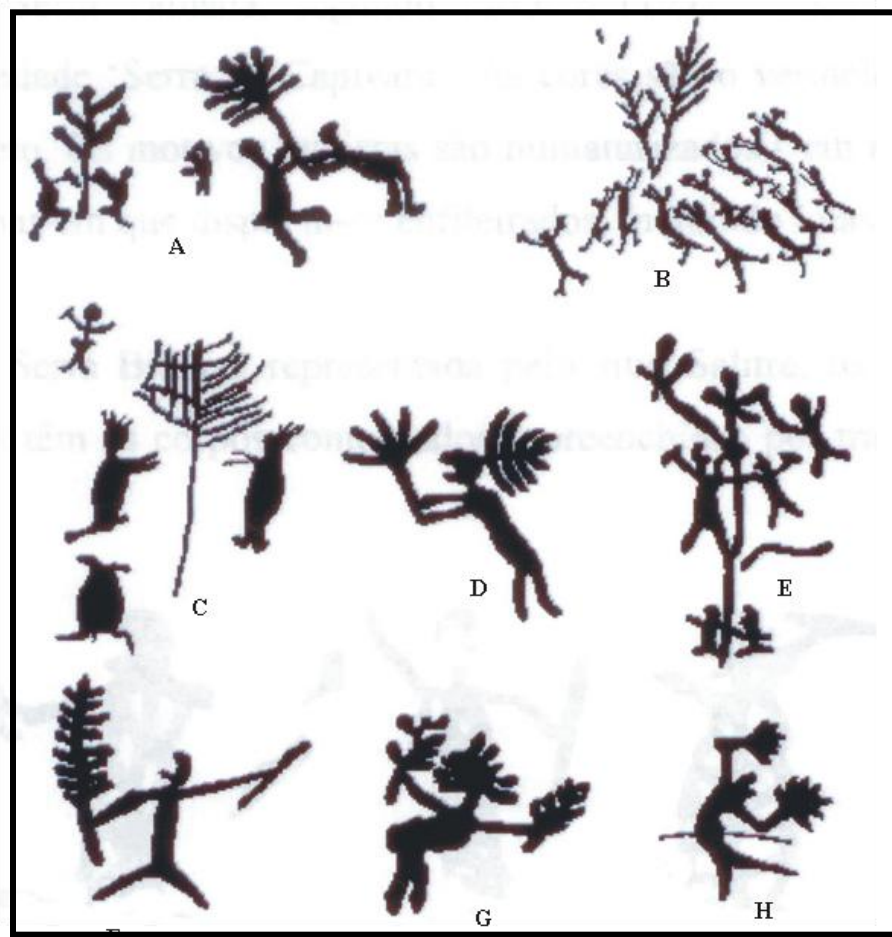


Figura 2 – Tradição Nordeste. A, B e C: São Raimundo Nonato - PI;
D, E, F, G e H: Carnaúba dos Dantas – RN.

Tradição Agreste

Foco principal no sul da Paraíba e Nordeste de Pernambuco. Existem referências no Rio Grande do Norte, no Piauí (GUIDON, 1984) e na Bahia (MARTIN, 1997).

Pinturas figurativas grandes e signos abstratos. As cenas são raras e quando existem apresentam um ou dois antropomorfos ou zoomorfos. Os grafismos geométricos são simples ou elaborados associados aos grafismos reconhecíveis. É típica dessa tradição a representação de antropomorfos grandes. São freqüentes as aves com as asas estendidas, posando a cabeça de perfil.

Foram identificados dois estilos: O Estilo Cariris Velhos que se caracteriza por marcas de mãos em positivo na parte superior dos painéis e o estilo Geométrico Elaborado, com carimbos e grandes figuras geométricas, geralmente isoladas, lembrando tecido pintado ou bordado.

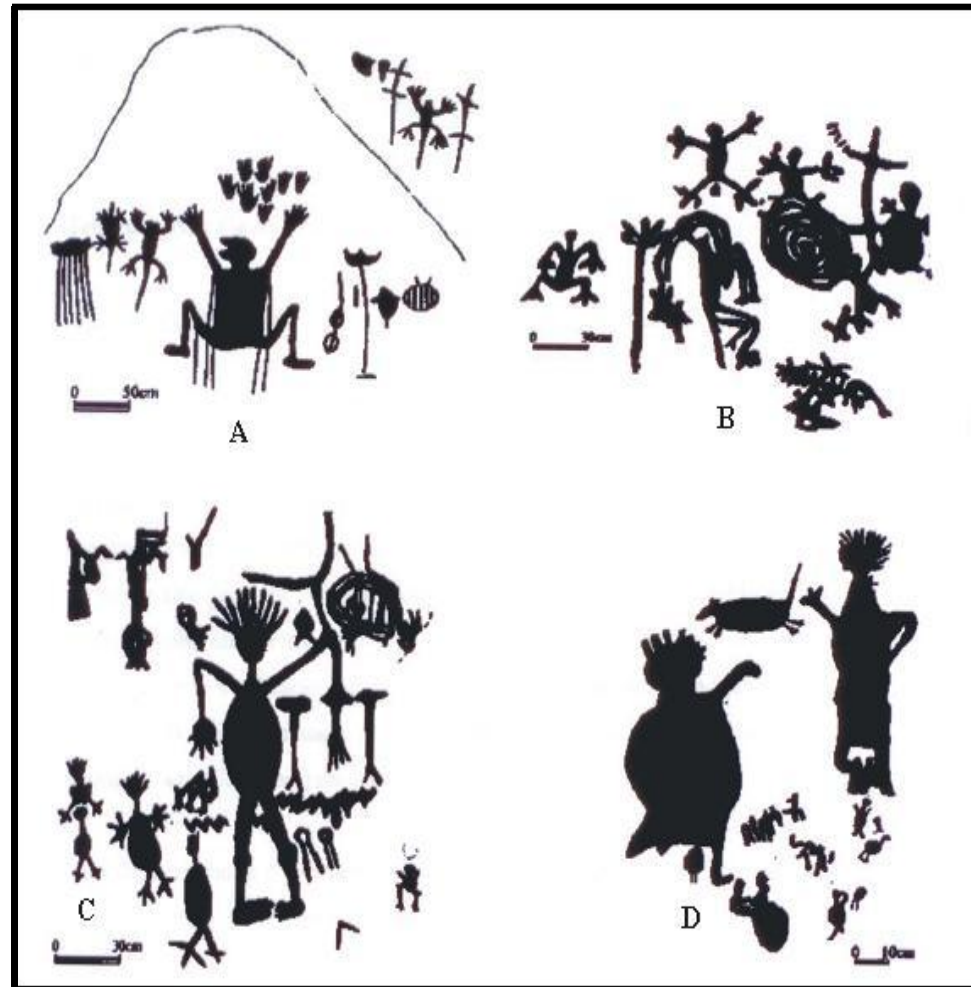


Figura 3 – Tradição Agreste. A: Sítio Bom Jesus, Santana do Mato – RN; B: Sítio Pedra do Velho Samuel, São João do Tigre – PB; C: Sítio Pedra Redonda, Pedra – PE; D: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca, São Raimundo Nonato – PI. Imagem: MARTIN, 1997

Tradição São Francisco

Foco principal no Vale do Rio São Francisco, em Minas Gerais, Bahia e Sergipe. Existem referências em Goiás e Mato Grosso do Sul.

É caracterizada pela grande quantidade de motivos abstratos, chegando a totalizar 100% em alguns sítios. Os grafismos reconhecidos variam entre espécies de zoomorfos (aves, répteis, mamíferos, quelônios e peixes) e antropomorfos. Não existem cenas. A bicromia é marca registrada dessa tradição em que retas, curvas e linhas sinuosas são combinadas ou alternadas com pinturas em vermelho, amarelo e, mais raramente em preto e branco. “No norte de Minas Gerais aparecem representações de pés humanos, armas (lanças, propulsores), instrumentos (cestas, tapitis, panelas, maracás, etc.). Na nascente do Rio São Francisco a porcentagem de animais aumenta, mantendo-se a bicromia com a figura chapada em amarelo e contorno vermelho. Os autores destas obras demonstram frequentemente um sentido de efeito nos jogos de cores vivas e na organização interna das figuras geométricas mais complexas (fácies Montalvânia, Caboclo, Abrigo do Sol, Curral de Pedra, em Jequitai) que torna os sítios extraordinariamente espetaculares” (PROUS, 1992).

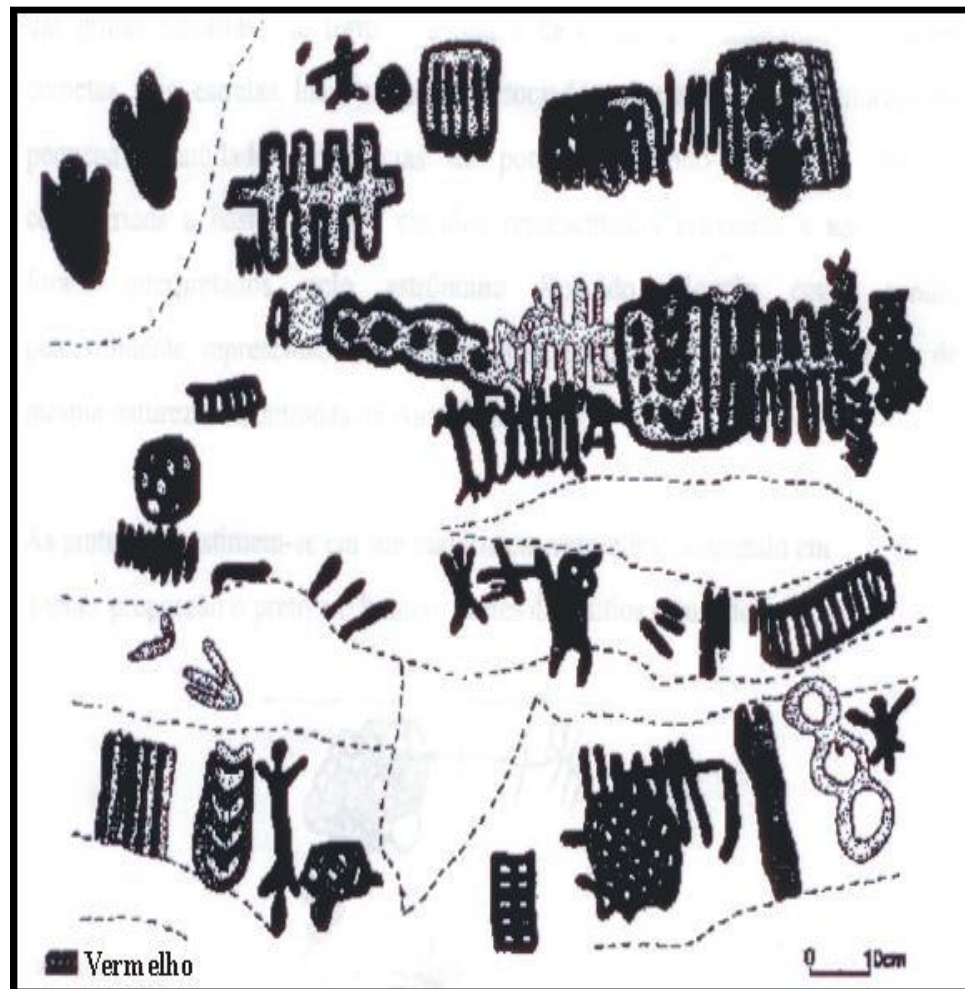


Figura 4 – Município de Coribe – BA (SCHMITZ, 1984). Os grafismos tipo carimbo repetem-se como na Tradição Agreste. Imagem: MARTIN, 1997

Tradição Cosmológica (antiga tradição Astronômica)

Foco principal na região de Central – BA. Existem referências em Xiquexique e Iraquara - BA.

É caracterizada por signos que representam astros pintados nos tetos das grutas calcárias da Chapada Diamantina. Aparecem cometas, sóis, estrelas, luas, trajetórias associadas a lagartos e antropomorfos em pequena quantidade. Seqüências de pontos formando nuvens, círculos concêntricos e bastonetes. A maioria das pinturas é vermelha, mas ocorrem, em menor proporção, pinturas pretas e brancas.

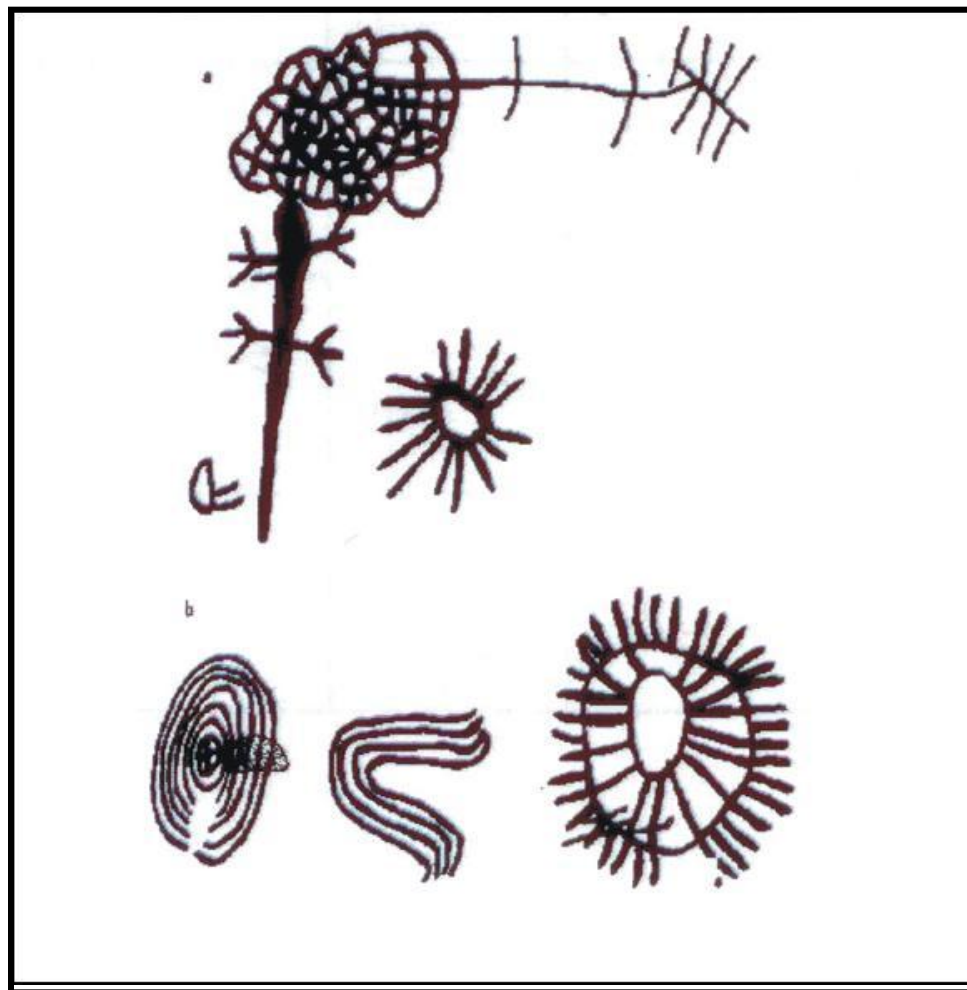


Figura 4 – Município de Coribe – BA (SCHMITZ, 1984). Os grafismos tipo carimbo repetem-se como na Tradição Agreste. Imagem: MARTIN, 1997

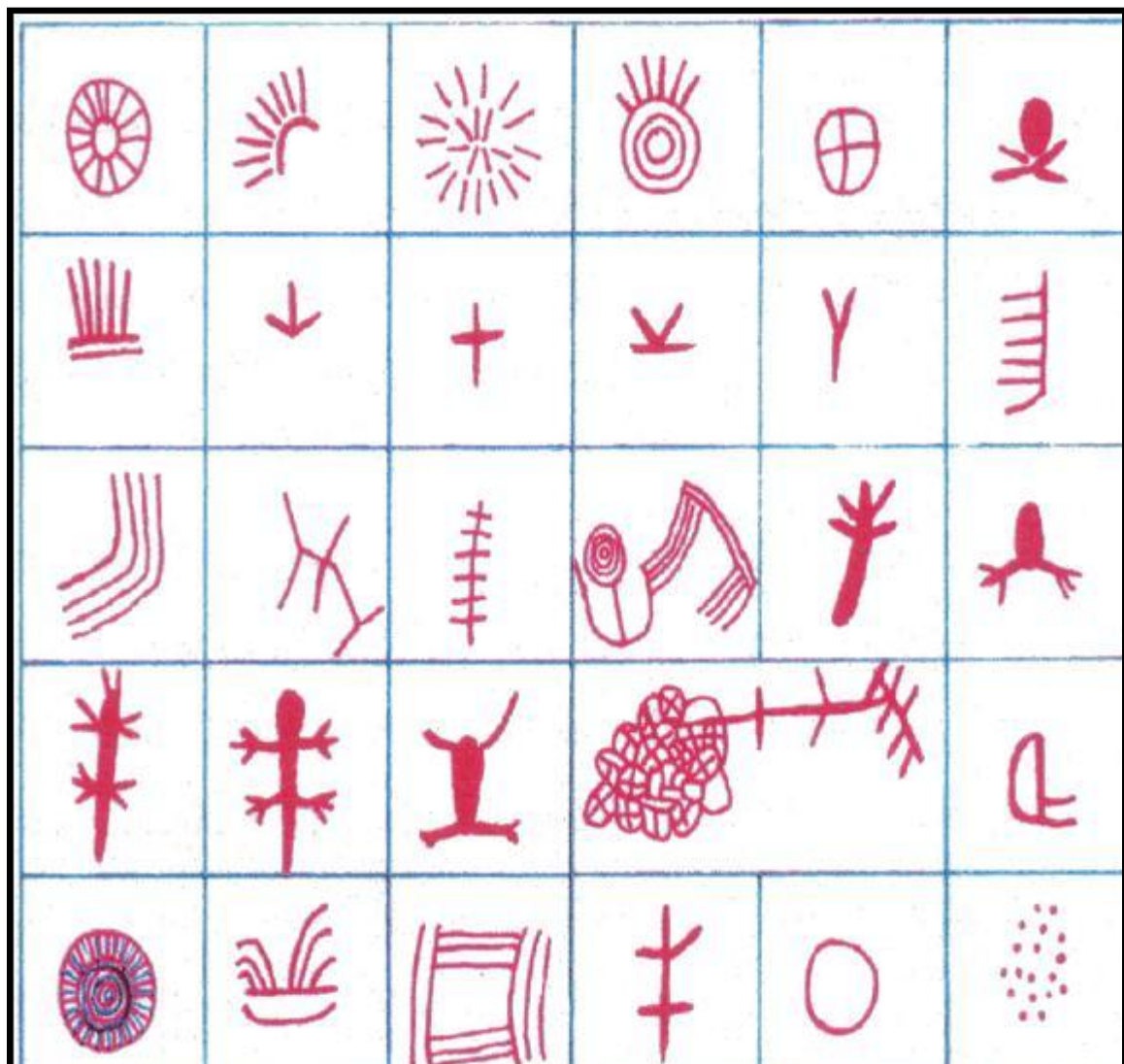


Figura 6 –
Tradição
Cosmológica.
Toca do Cosmo
– Município de
Xiquexique – BA

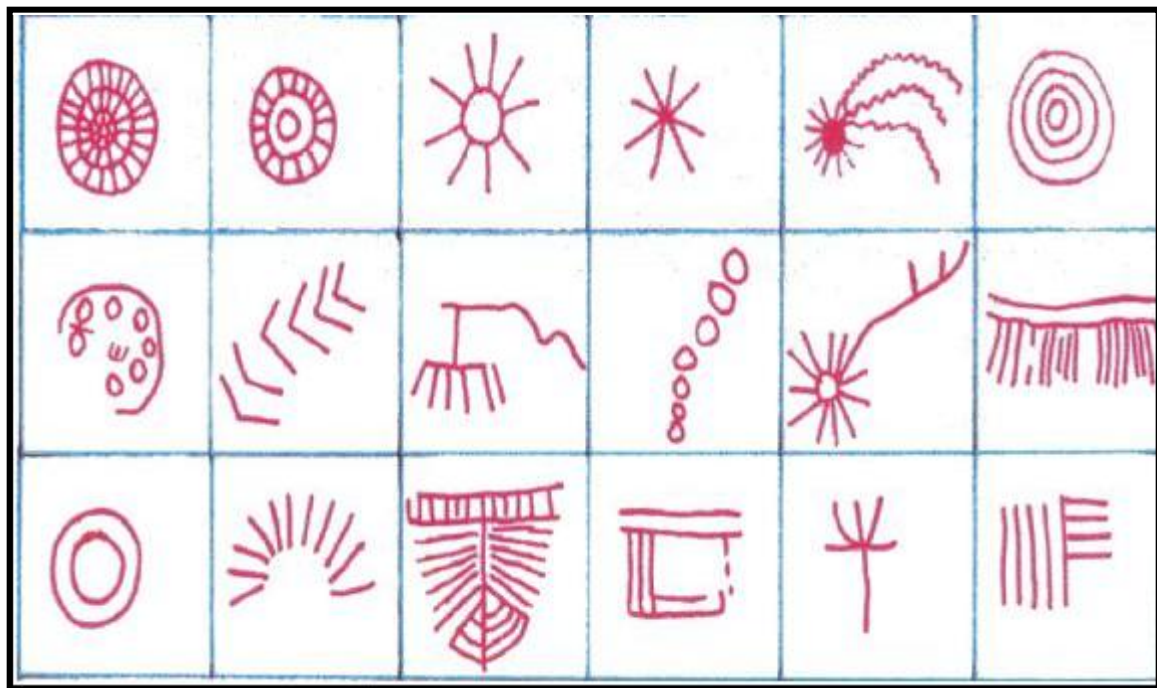


Figura 6 –
Tradição
Cosmológica.
Toca do Cosmo
– Município de
Xiquexique – BA



Figura 7 –
Pictoglifos da
Pedra da Figura
(Município de
Manuel Vitorino
– BA)
Arquivo: Projeto
Central

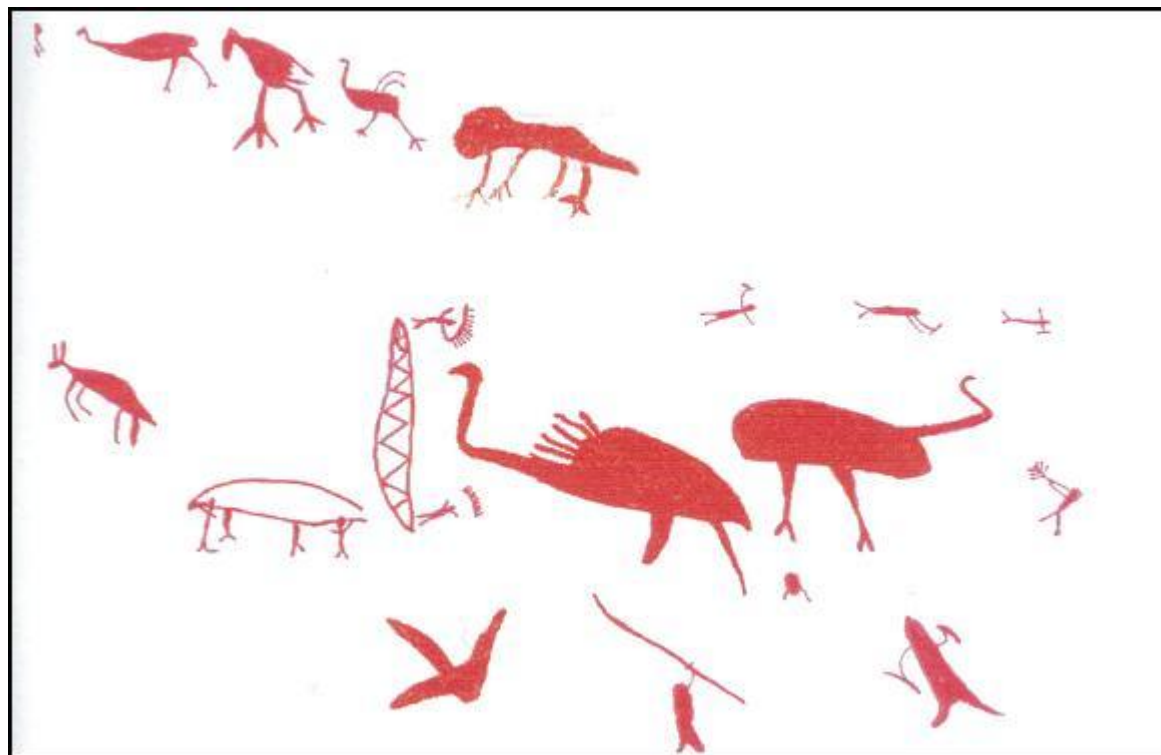


Figura 8 – Pictogifos do Sítio Toca Isabel Dias. Município de América Dourada - BA

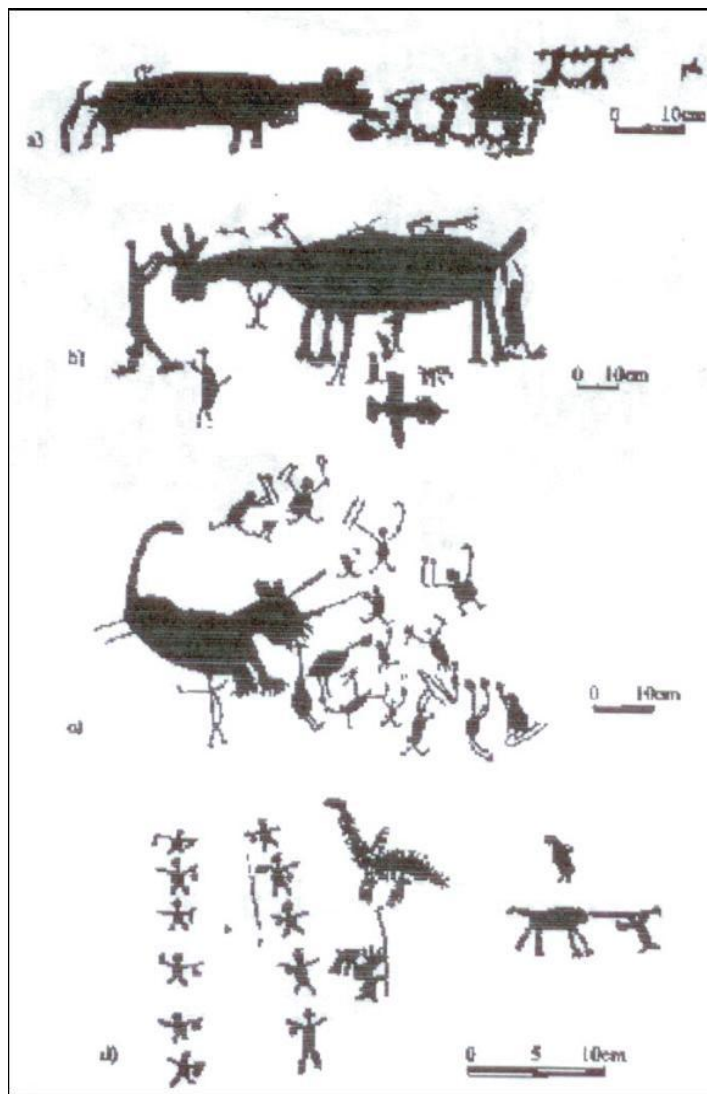


Figura 10 – Riacho Largo, Central.
Imagem: MARTIN, 1997.



Figura 11 – Boqueirão dos Veados, Central.
Imagem: MARTIN, 1997

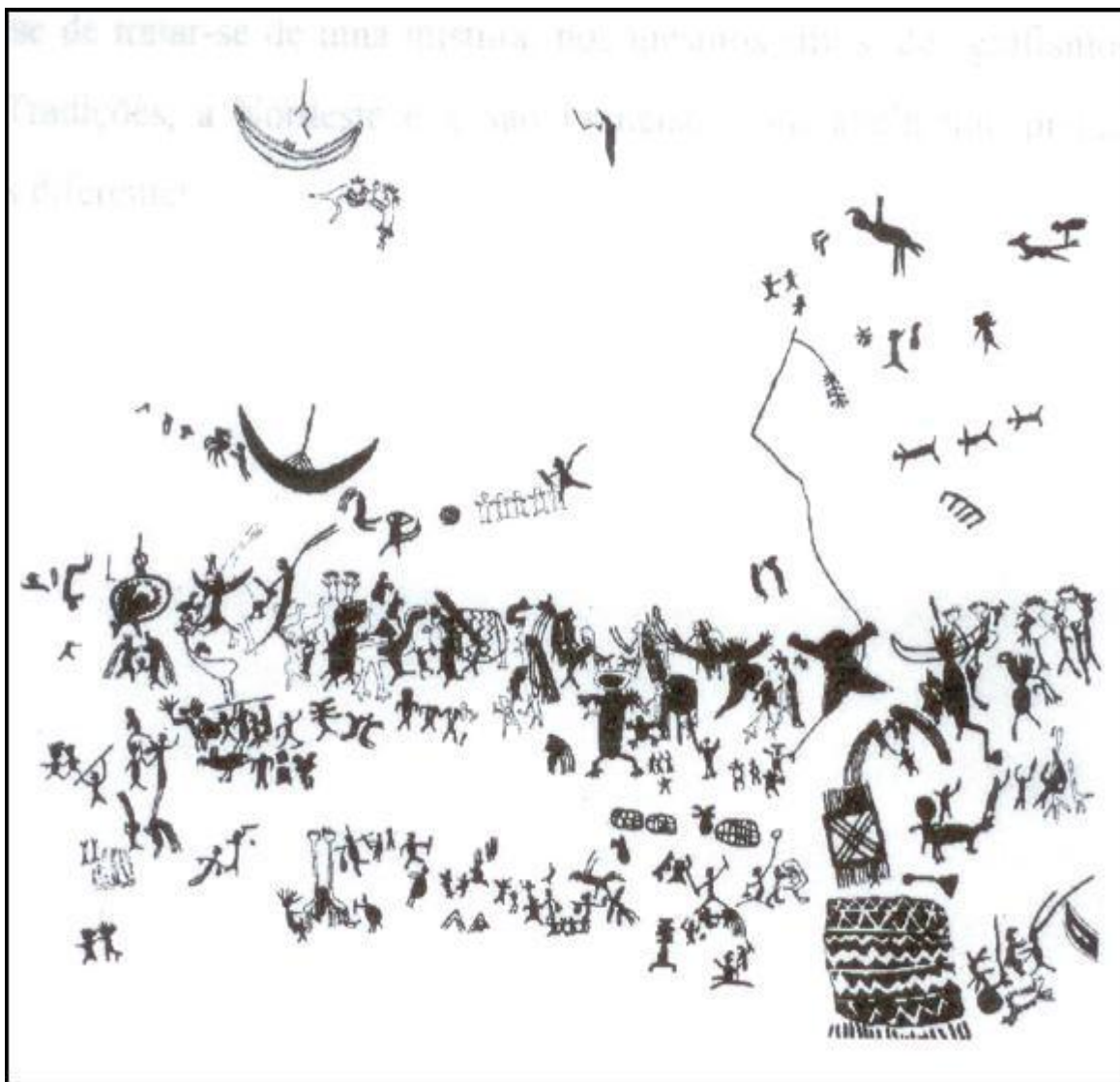


Figura 12 – Casa Santa, Carnaúba dos Dantas, Seridó, RN. Imagem: MARTIN, 1997

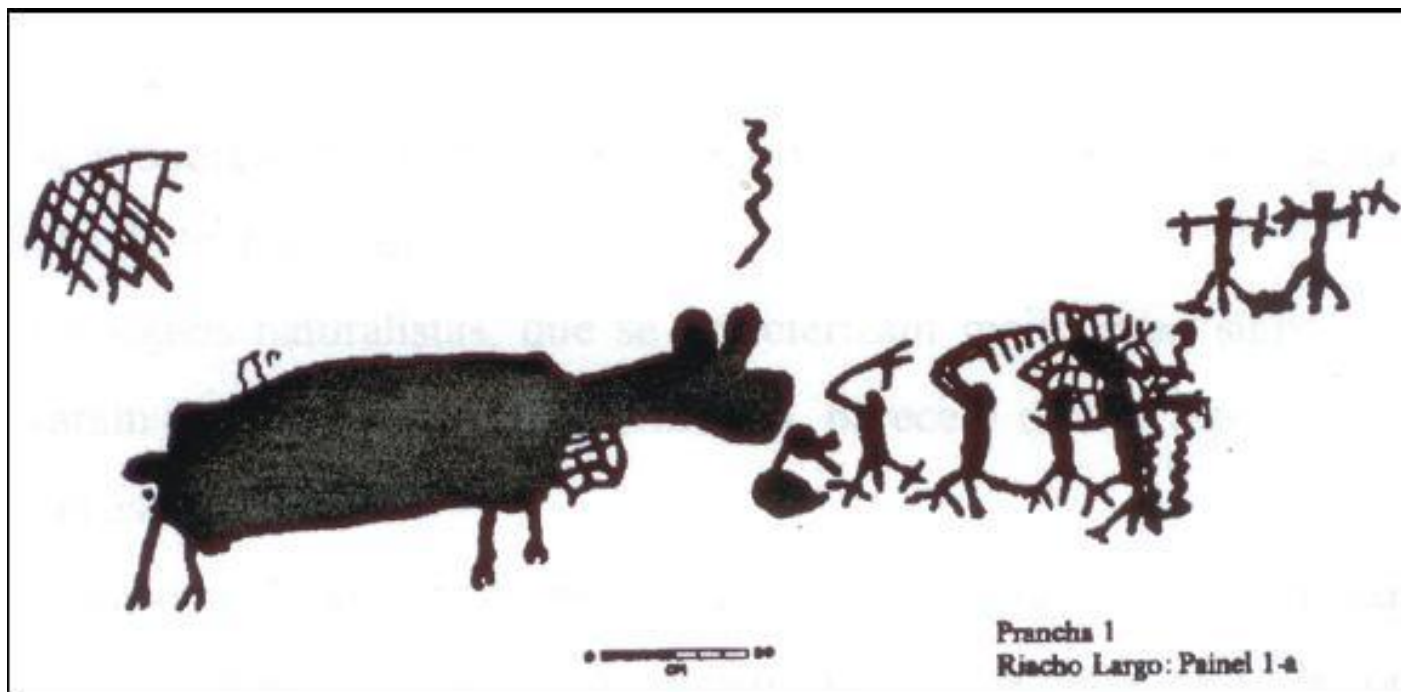


Figura 13 – Riacho Largo, município de Central - BA

Considerações Finais

Constatando grande diversidade morfológica nas pinturas rupestres da região Central, Médio São Francisco, propõe-se que grupos étnicos distintos, teriam se miscigenado “**Melting Pot**” em determinado momento da pré-história, compartilhando o mesmo espaço físico e social.

Essa contemporaneidade poderia ter se dado com a aproximação de grupos pré-históricos ‘culturalmente próximos’. Esses grupos teriam migrado da Bahia para a região sudeste do Piauí, em períodos anteriores a 17.000 anos AP e para o alto São Francisco, em períodos anteriores a 8.000 anos AP. (SILVA, 1998).

Referências

- GUIDON, N. ***As primeiras ocupações humanas da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato*** – Piauí. Revista de Arqueologia, Belém, n. 2, p. 38-46, 1984
- MARTIN, Gabriela. ***Pré-história do Nordeste do Brasil***. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2. ed. atual. 1997. 450 p.
- PESSIS, A-M. ***Art rupestre préhistorique: Premiers registres de la mise en scene***. 1987. 502 f. Tese (doutorado de Estado) - Université de Paris X – Nanterre. 1987.
- PROUS, A. ***Arte rupestre brasileira: uma tentativa de classificação***. Revista de Pré-história, São Paulo, n. 7, 1992.
- SILVA, J. P. ***Cultura e sistemas simbólicos: “melting pot” na arte rupestre da Bahia***. 1998. 185 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1998.
- SOLÁ, M. E. C. ***A arte rupestre: imagens da pré-história. História pré-colonial do Brasil***. Rio de Janeiro, p. 111-144, 1993.
- VIDAL, L. ***Grafismos Indígenas: estudos de antropologia estética***. São Paulo: EDUSP/FAPESP. 1992.
- ZANINI, W. ***História Geral da Arte no Brasil***. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles. 1983.